

Ed Sheeran leva seu romantismo ao Rock in Rio



PÁGINA 4

Chistiane Torloni prepara autobiografia



PÁGINA 4

Em nova formação, Linkin Park vai lançar álbum



PÁGINA 6

2º CADERNO



Marilyn Monroe em 'Torrentes da Paixão' que o Estação NET Rio exibe no dia 14



Greta Garbo em 'Ana Karenina'



Ava Gardner em 'A Condessa Descalça'

Divulgação

Enciclopédia de DIVINDADES

Crítica Luciana Costa se debruça sobre as maiores estrelas da Era de Ouro de Hollywood em livro que inspira mostra no Estação



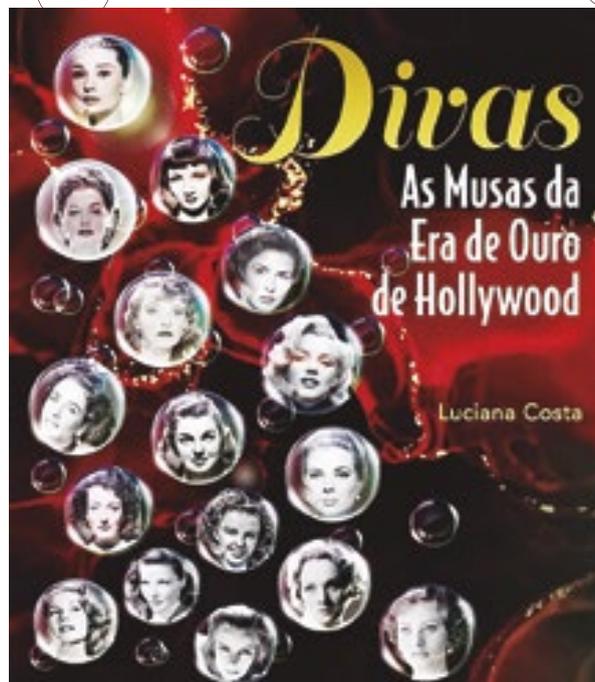
Sophia Loren ganhou os holofotes de Hollywood



Judy Garland em 'Nasce Uma Estrela'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

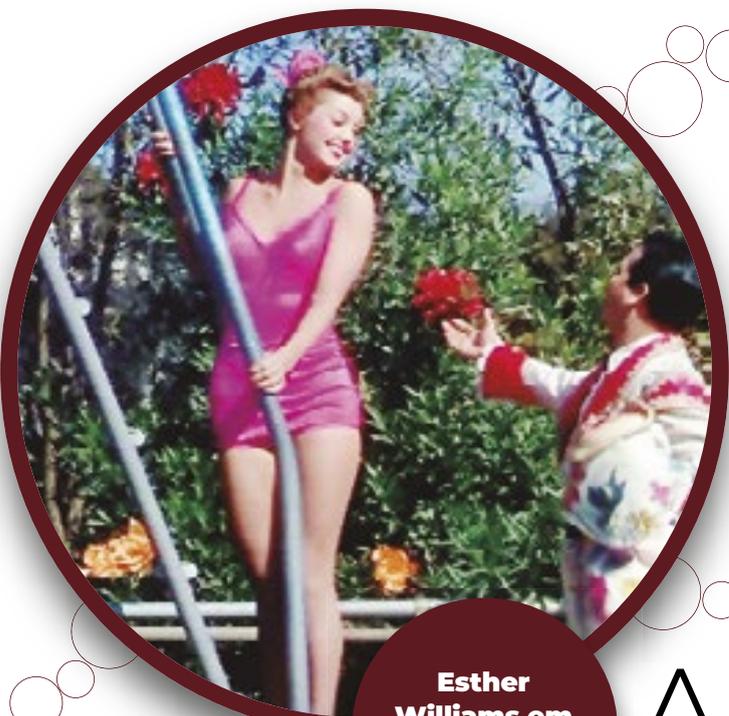
Nostálgicas à primeira vista, as páginas de "Divas - As Musas da Era de Ouro de Hollywood", que a jornalista Luciana Costa lança nesta segunda-feira (9), a partir das 19h, na Livraria da Travessa do Leblon, são um colírio capaz de abrir olhos cansados de algoritmos. Seus escritos expõem engrenagens que, criadas lá nos anos 1920 e 30, renovaram sua dinâmica de sedução de plateias. Autora do precioso "Um Amor de Gênio", sobre a série "I Dream of Jeannie", com Barbara Eden, a crítica cinematográfica carioca viaja no



tempo, em sua nova pesquisa, ao demonstrar a permanência (e a pertinência) de uma mitologia calcada num binômio: carisma + talento.

Só tem titãs em suas páginas: Marlene Dietrich, Joan Crawford, Claudette Colbert, Greta Garbo, Bette Davis, Judy Garland, Katharine Hepburn, Ingrid Bergman, Rita Hayworth, Ava Gardner, Esther Williams, Audrey Hepburn, Grace Kelly, Elizabeth Taylor, Sophia Loren e, indubitavelmente, Marilyn Monroe. Cada uma delas ganha um perfil de peso e um ensaio teórico falando sobre algum de seus trabalhos relevantes. Só que por trás dessa junção de ídolos de ontem (ou seria melhor dizer "de sempre"?), Luciana abre uma discussão sobre o lugar da "divindade" no mercado do entretenimento.

Continua na página seguinte



Esther Williams em 'Escola de Sereias'



Grace Kelly em 'Ladrão de Casaca'

Ingrid Bergman em 'À Meia Luz'



Elizabeth Taylor em 'Gata em Teto de Zinco Quente'

Além dos limites de boas atuações



Marlene Dietrich em 'O Diabo Feito Mulher'

A discussão que o livro de Luciana Costa abre está antenada com gestos de grandes eventos cinéfilos, como o Festival de Veneza. Ao convidar a francesa Isabelle Huppert para presidir o júri do Leão de Ouro de 2024, entregue no sábado, o evento veneziano optou por confiar a liderança de sua principal mostra a uma atriz que transcende os limites da boa atuação e simboliza o valor da excelência aos olhos de audiências das mais variadas nacionalidades. Essa transcendência transforma a protagonista de cults como “Elle” (2016) e “A Professora de Piano” (2001) numa diva.

Uma conterrânea dela, Catherine Deneuve, está em cartaz no circuito carioca com “Bernadette”, provando que as produções europeias sabem valorizar – e bastante – ícones femininos que, por décadas a fio, enfeitaram imaginários ao desafiar tabus. O Brasil também tem tesouros assim, basta citar Fernanda Montenegro, que acaba de arrebatar aplausos no Lido, dividindo com sua filha, Fernanda Torres, o papel principal de “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles.



Catherine Hepburn em 'Núpcias de Escândalo'

interpretações icônicas e comportamentos vulcânicos. A recente morte de Gena Rowlands, no último dia 14, também deflagrou conversações sobre interpretações que mudaram a forma com que o cinema encarava conflitos de gênero. Não por acaso, hoje, às 21h, quem sair da sessão de autógrafos de Luciana, pode dar um pulinho no Estação NET Botafogo e conferir o encanto que é a performance de Gena em “Uma Mulher Sob Influência” (1974), a ser exibido na mostra “Classiquíssimos”.

As eleitas de Luciana, em seu livro, também terão a vitrine do Estação, só que no complexo NET Rio (da Voluntários da Pátria, 35), a partir desta quarta. O cinema organizou uma seleção de pérolas, sob a curadoria da autora, que será aberta com uma projeção de “Jezebel” (1938). Nesta quinta, às 18h30, tem “O Diabo Feito Mulher” (1952), seguindo (às 20h30), pela versão de 1954 de “Nasce Uma Estrela”, com Judy Garland. Sexta é dia de Esther Williams, em “Escola de Sereias” (1944), e de Ava Gardner, em “A Condessa Descalça” (1954). A retrospectiva uma aula de História, essencial para as discussões sobre equidade e empoderamento.



Joan Crawford em 'Almas em Suplício'

Hollywood - já de olho nas duas brasileiras para as potenciais premiações que circundam a chamada Oscar Season - soube renovar sua constelação de grandes intérpretes, a julgar por Emma Stone, em cartaz no Rio com “Tipos de Gentileza”. Essa renovação, contudo, não sucateou a relevância das divas de outrora, como comprova o lançamento do recente documentário “Faye: Entre Luzes e Sombras”, sobre Faye Dunaway. É um .doc que debate

ENTREVISTA
LUCIANA COSTA, CRÍTICA DE CINEMA

‘Nenhuma mulher é apenas um frame!’

Dona de uma escrita fina, capaz de apontar os sintomas de exclusão do cinema feito hoje, Luciana Costa explica ao Correio da Manhã o simbolismo por trás de sua seleção de divas.

O que o coletivo de estrelas selecionado por você para o livro simboliza acerca da cultura do star system e da representatividade feminina no imaginário pop das telas?

Luciana Costa: Cada uma dessas atrizes foi escolhida a dedo justamente para mostrar suas reais personalidades, diferenças, semelhanças e retratar como eram moldadas pelo star system pra caberem no estereótipo em que os estúdios Hollywoodianos queriam encaixá-las. Eu quis focar principalmente no etarismo. Muitas atrizes maravilhosas eram descartadas pela indústria porque já não eram mais tão jovens. Algumas eram reaproveitadas com personagens de bruxas ou loucas, e muitas outras simplesmente caíam em ostracismo

Que parâmetros você usou para a escolha dessas atrizes e o que elas deixam de mais singular, como legado, para a construção de um imaginário cinéfilo?

Muitos pesquisadores fazem recortes da divas. Algumas estão em todas as listas, como Audrey Hepburn, Rita Hayworth e Marilyn Monroe. Eu foquei em

protagonistas que tiveram o auge de suas carreiras na chamada Era de Ouro de Hollywood (entre os anos 1920 e 30) e os anos 1960 e que entraram para o imaginário popular e trouxeram algo novo, criaram algum estilo novo de interpretação ou imagem feminina. Vocês conseguem ver no livro os nomes mais óbvios e algumas surpresas.

De que maneira a mostra no Estação conversa com o livro e expande o debate que você levanta?

O livro conta com três filmes protagonizados por cada diva para representar momentos diferentes em suas carreiras. Na mostra, foi selecionado um desses três filmes (por atriz) e nós tentamos colocar os que foram menos exibidos aqui no Brasil.

Tentamos sair um pouco do óbvio para que o público tenha a chance de conhecer algo que não teve oportunidade de ver, ou teve poucas oportunidades

De que maneira Barbara Eden, de “Jeannie é um Gênio” (“I Dream of Jeannie”), objeto

do seu livro anterior, poderia ser simbolicamente associada a essas divas? De que maneira esse conceito de diva poderia se ampliar para os domínios da TV, das séries?

Interessante mencionar. Em

1957, Barbara protagonizou uma série pouco conhecida que era um remake de “Como Agarrar um Milionário”, de 1953, protagonizado por Lauren Bacal, Marilyn Monroe e Betty Grable. Outro ponto interessante é que a Bárbara entrou para o imaginário popular como uma mulher lindíssima dentro dos padrões da época, mas quando chegou aos estúdios de Hollywood, disseram que ela não era bonita o bastante para ser estrela. Tanto as mulheres do livro “Divas” quanto a Barbara Eden em “Jeannie” foram marcadas por personagens. A ideia por trás dos meus livros é resgatar suas personalidades, suas histórias e suas trajetórias. Nenhuma mulher é apenas um frame!

Quem seriam as divas de hoje, do presente, que agitam o cinema na contemporaneidade?

Quando eu penso nisso, o primeiro nome que me vem à mente é Viola Davis. Uma atriz espetacular, que já passou e ainda passa por vários personagens diferentes, tem personalidade, defende causas e trabalha também como produtora, além de ser bonita, exuberante e ter muita presença. Poderia ainda pensar em outras como Lady Gaga, Madonna, Margot Robbie, Angela Basset, Meryl Streep, Gal Gadot... mas, com certeza, minha primeira opção seria Viola.

Qual foi a primeira estrela de Hollywood que fascinou seu olhar durante a sua formação cinéfila?

O primeiro filme que me fascinou na vida foi “O Mágico de Oz”. Vi quando tinha 5 anos e fiquei obcecada. Então acho que se pode dizer que foi Judy Garland, com seus sapatos vermelhos.



CORREIO CULTURAL

Lucas Ramos/Brazil News



Christiane e Fagundes na peça 'Dois de Nós'

Christiane Torloni prepara autobiografia e documentário

Em cartaz em São Paulo com a peça "Dois de Nós", ao lado de Antonio Fagundes, Christiane Torloni tem vários planos em andamento, entre os quais escrever uma autobiografia, com histórias e imagens de sua carreira de cinco décadas na TV, teatro e cinema.

O trabalho já começou, mas a atriz lida com a falta de

tempo para o livro, preparado em parceria com a escritora Lilian Fontes. "Tenho algumas coisas escritas e estão lá fermentando, feito um bom vinho."

A atriz também produz um documentário sobre a mãe, Monah Delacy, 95, atriz, diretora, escritora, artista plástica e uma das fundadoras do Teatro de Arena.

Selecionado

O longa "Betânia", escrito e dirigido por Marcelo Botta, está confirmado no 26º Festival do Rio, que acontece de 3 a 13 de outubro de 2024. A produção, inteiramente rodada na região dos Lençóis Maranhenses, compete na mostra Première Brasil.

Artesãs

O trabalho de artesãs que dominam seis técnicas do tecer e de trançar típicas do Ceará serão expostos no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) a partir desta sexta (13) na mostra Travessias Artesanais.

Alô, cineastas!

Estão abertas as inscrições para a 3ª edição do Festival de Curtas do Cine Clube Tia Nilda, entre os dias 17 e 20 de outubro, na Arena Carioca Dicró, na Penha Circular. O formulário e inscrição está disponível no site do Cine Clube até o dia 27.

Consentimento

Arielle Scarpati, Beatriz Accioly e Silvia Chakian lançam nesta terça (9), na Casa França-Brasil, o livro "Precisamos falar de consentimento: Uma conversa sobre violência sexual além do sim e do não" que amplia o debate em torno da violência sexual.

Na medida para os apaixonados de plantão

Helena Yoshioka/Rock in Rio Lisboa



Como é o novo show de Ed Sheeran, que canta no Rock in Rio após passar pela versão portuguesa do festival

Por Guilherme Luis (Folhapress)

Ed Sheeran surge de repente, só com o violão, para apresentar o seu show no Rock in Rio Lisboa. O cantor britânico, que encabeça o Rock in Rio no dia 19 de setembro no palco Mundo da Cidade do Rock dispensa a decoração no palco. Seu principal aparato e o telão, como se recusasse a teatralidade que hoje domina os shows de música pop, cada vez mais megalomaniacos, como os de Taylor Swift e The Weeknd, que competem para ter a turnê mais enfeitada. Ele sabe que seu principal atributo para encantar as plateias está na voz e nas baladas românticas como "Thinking Out Loud" e "Photograph", trilha sonora de muitos romances na última década. Dessa forma, ele guia a multidão à catarse, aos berros, com lágrimas e beijos.

Foi assim no Rock in Rio Lisboa, há dois meses, onde o britânico encabeçou o dia mais meloso do line-up, cantando para 80 mil pessoas. No entanto, demora para



Ed Sheeran no Rock in Rio Lisboa 2024 onde cantou para um público de 80 mil pessoas

o cantor chegar aos seus sucessos. Até lá, o público precisa aguentar uma série de músicas pouco conhecidas - Sheeran não emplaca um megahit há pelo menos dois álbuns e está distante do vivido entre 2014 e 2018, quando seus singles viviam no topo das paradas e tocavam à exaustão em rádios de música pop.

O cantor é tido como a voz dos eternos apaixonados. Em "Shape of You", um dos vídeos mais vistos do YouTube (cerca de 6 bilhões de visualizações), o cantor narra um amor à primeira vista, carnal e arrebatador. Com ela ganhou o Grammy de melhor performance pop solo. Quem gosta de sofrência também tem o artista como ídolo. "Photograph", lançada há 10 anos, trata de um amor que perdura por meio das memórias, enquanto "Give Me Love", de 2011, versa sobre a abstinência de uma paixão.

No entanto, depois de lançar "Divide", o disco mais celebrado de sua carreira pela crítica, Shee-

ran quis deixar de ser o centro das atenções. Sua discografia seguiu em tom menos radiofônico e mais melancólico, que culminou no seu penúltimo álbum, "Subtract", projeto que sintetiza uma série de traumas que o cantor viveu nos últimos anos - a descoberta do tumor de sua mulher, que estava grávida, a morte de um dos melhores amigos e uma acusação de plágio. "O sentimento de perda simplesmente dominou minha vida", afirmou o cantor no documentário "Ed Sheeran: A Soma de Tudo".

O amor não deixou de ser tema central em "Subtract", mas surgiu embalado numa tônica tristonha, quase mórbida. O disco soa mais limpo, sem tantos elementos sonoros como nos trabalhos anteriores. Sheeran deixa a voz ecoar sobre os instrumentos, a semelhança de como prefere cantar ao vivo.

SERVIÇO

ED SHEERAN
Cidade do Rock (Av. Salvador Allende, 6500 - Barra da Tijuca) 19/9, às 0h no palco Mundo | Ingressos: R\$ 795

Divulgação



Luísa Sonza diz que a faixa é representativa para artistas mulheres que desejam mudança: 'É a realização de um sonho e uma honra'

Um dueto da devota com sua santa padroeira

Luísa Sonza grava nova versão para 'Esse Tal de Roque Enrow', sucesso de Rita Lee. Faixa recebeu os vocais originais da Rainha do Rock

“Esse tal de Roque Enrow”, um dos maiores clássicos do rock brasileiro, ganha nova versão, num dueto de Rita Lee e Luísa Sonza, lançado nas plataformas no último fim de semana, para o orgulho máximo da jovem cantora gaúcha. “É a realização de um sonho e uma honra”. Foi muito especial ter sido chamada para interpretar uma música da qual eu gosto tanto”, comemora Luísa.

“Acho que essa canção representa todas nós, artistas mulheres que queremos mudança, que somos devotas da Rita, a padroeira da liberdade. Foi tudo muito gostoso, importante, um grande momento da minha carreira”, completa.

A junção do vocal original de Rita - ex-

traído do álbum “Fruto Proibido” - à voz de Luísa se deu graças à tecnologia. “E faz sentido. A rainha roqueira, atendida à nova geração, escreveu em seu livro ‘Outra Autobiografia’ que gostou muito de uma homenagem que Luísa fez a ela, cantando ‘Amor e Sexo’ e ‘Lança Perfume’”, destaca o jornalista e pesquisador Guilherme, amigo de Rita.

A canção, de autoria de Rita e Paulo Coelho, é puro deboche: traz uma mãe desesperada questionando a um médico: “Quem é ele? Quem é ele? Esse tal de Roque Enrow”. Afinal, o tal “Roque” está mudando o comportamento de sua filha, que passa a dançar o dia inteiro e a odiar os vestidos da mãe.

A nova versão marca os 50 anos da canção, a serem completados no ano que vem.

Embaixadores da cultura chinesa

Camerata da Orquestra Sinfônica Nacional da China se apresenta no Municipal

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Em comemoração aos 50 anos de relações diplomáticas Brasil-China, uma das mais prestigiadas formações de música clássica do mundo, a Camerata da Orquestra Sinfônica Nacional da China se apresenta Theatro Municipal nesta segunda-feira (9), às 20h.

O Concerto de Abertura da turnê nacional contará com a participação especial de músicos brasileiros da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense e Orquestra Petrobras Sinfônica, numa demonstração da arte como linguagem universal e da

cooperação entre os povos. No programa, obras de Mendelssohn, Haydn, Tchaikovsky, Piazzolla e clássicos chineses.

A Orquestra realiza mais de 40 apresentações por ano, sendo uma enviada diplomática cultural em vários eventos formais para chefes de estado chineses e de outras nacionalidades, construindo pontes culturais e promovendo a aprendizagem mútua entre os povos.

A Orquestra tem diversas formações, como quartetos de cordas, quintetos de sopros, trios de piano, conjuntos de metais, pequenas sinfonias e outras combinações de música de câmara.

Para oferecer música diversificada ao público, a Orquestra participa ativamente em espetáculos de bem-estar público e na

Divulgação



Músicos da Camerata da Sinfônica da China

educação musical, empregando novas abordagens como explicações no local, concertos transmitidos ao vivo e assim por diante.

Nesta concerto 10% dos ingressos serão distribuídos para Instituições, ONGs, escolas de música e da rede pública de ensino.

SERVIÇO

CAMERATA DA ORQUESTRASINFÔNICA NACIONAL DA CHINA

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia) | 9/9, às 20h
Ingressos: Promocionais: a partir de R\$ 39,60 e R\$ 19,80 (meia) | plateia e balcão nobre: R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | balcão superior: R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | galeria: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

James Minchin III/Divulgação

A vontade de voltar falou mais alto

Com nova formação, Linkin Park prepara álbum e anuncia turnê

Por Affonso Nunes

Dona de vários sucessos na primeira década deste século, a banda Linkin Park anuncia nova formação e, de quebra, sua primeira música inédita em sete anos. Batizada como “The Emptiness Machine”, a canção integra o repertório do álbum de inéditas com previsão de lançamento em novembro.

A nova formação do grupo tem os fundadores Mike Shinoda (vocal, guitarra e teclados), Brad Delson (guitarra), David “Phoenix” Farrell (baixo) Joe Hahn (DJ e

programação) e os novos integrantes: Emily Armstrong (ex-Dead Sara) e Colin Brittain (bateria). Renovado, o grupo anuncia a turnê From “Zero World Tour” com shows confirmados em Los Angeles, Nova York, Hamburgo, Londres, Seul e Bogotá.

Sem expectativas, Shinoda, Delson, Farrell e Hahn começaram a se reunir discretamente nos últimos anos. A intenção era passar mais tempo juntos e reconectar-se com a criatividade e a camaradagem que sempre estiveram no núcleo de sua amizade desde os tempos de faculdade. Nesse período, convidaram vários músicos para se



O single ‘The Emptiness Machine’, lançado no fim de semana, é a primeira música inédita do Linkin Park em sete anos

juntarem a eles no estúdio. Entre os convidados, encontraram afinidade com Armstrong e Brittain. E foi ao longo dessa fase que o projeto From Zero nasceu.

“Antes do Linkin Park, o nome da nossa primeira banda era Xero. O título deste álbum refere-se tanto a esse início humilde quanto à jornada que estamos atualmente trilhando. Sonoramente e emocionalmente, é sobre o passado, o presente e o futuro, abraçando nosso som característico, mas de uma forma nova e cheia de vida. Foi

feito com um profundo apreço por nossos novos e antigos colegas de banda, nossos amigos, nossa família e nossos fãs. Estamos orgulhosos do que o Linkin Park se tornou ao longo dos anos e empolgados com a jornada à frente”, explica Shinoda.

“The Emptiness Machine” canaliza o DNA da banda, aproveitando a energia explosiva do grupo e mantendo as características de seu som singular, o nu metal (subgênero do heavy metal que incorpora elementos do hip hop). “Quanto mais trabalhávamos com Emily e

Colin, mais apreciávamos seus talentos. Sentimos uma grande força com essa nova formação quais somos conhecidos, mas também explorando novos territórios”.

Formado em 1996, o Linkin Park alcançou fama internacional com o seu álbum de estreia, “Hybrid Theory (2000)”, um dos álbuns mais vendidos de todos os tempos. Seu segundo álbum, “Metemora (2003)”, continuou o sucesso da banda, liderando a parada de álbuns da Billboard 200 em 2003.

CRÍTICA / DISCO / MÃE - TODO ARTISTA TEM

Carlos Careqa botou a mãe no meio

Por Aquiles Rique Reis*

No caso, a dos outros. Cês logo notarão que ele não botou a própria mãe no meio, e sim a mãe dos outros (rs). Mas tudo com muito respeito e com tal sinceridade, bom humor e musicalidade, que nenhuma delas ficará magoada. Eu acho. Bem, hoje vamos de “Mãe – Todo Artista Tem” (Barbearia Espiritual Discos), o novo álbum de Carlos Careqa. Em 14 músicas, ele revela o seu sentimento sobre esse ser tão incensado pela humanidade: a mãe! Eis algumas:

“A Mãe de Bach”: de cara explode a musicalidade sem parti pris de Careqa; fidedigna, ela cativa a letra. Ambas acolhidas pelo cello de Mario Manga: “A mãe de Bach/ Teve oito filhos/ Pra ser feliz/ Elisabetha/ A predileta do caçula/ Era a matriz/ Morreu tão jovem/ Menino Bach/ Foi se virar/ Ele foi pra

escola/ Sem o lanche/ da mamãe.”

“A Mãe de Chopin”: o polonês Frédéric Chopin ressurgue na intenção melódica e harmônica de Careqa. Sua mãe (de Chopin, não de Careqa) deve estar comovida. Acho. O piano de Tiago Costa faz as honras da casa.

“A Mãe de Mozart”: o tributo a Dona Maria Anna, mãe do compositor austríaco Wolfgang A. Mozart, tem guitarra, baixo e cello de Mario Manga. Mozart está ali vivinho da silva.

“A Mãe de Noel Rosa”: para homenagear Dona Marta de Medeiros Rosa, Careqa e Manga vieram com tudo: violão, percussão, baixo e bandolim. Careqa canta com a



Divulgação

voz poética que a sua mãe lhe deu.

“A Mãe de Pixinguinha”: o choro vem doce. O teclado preparado de Manga, mais seus violão de sete cordas, percussão, baixo e bandolim, dão a Careqa o jeito acabado de demonstrar o apreço que tem pelo filho de Dona Raimunda.

“A Mãe de Tom Jobim”: permitam-me acreditar que, a exemplo da mãe de Chopin, Dona Nilza Brasileiro de Almeida se emocionou quando ouviu referências às notas que seu filho dedilhava ao piano. Com Ná Ozzetti embalada por vibrafone, guitarra, baixo e bateria a cargo de Manga, o maestro soberano renasceu.

“A Mãe de Villa-Lobos”: o tributo vem incrementado pelo violão de Camilo Carrara e pelo cello de Mario Manga. A composição de Careqa traz na letra a síntese do sonho: “(...) mãe do Villa/ Vida que doeu/ Mãe Noêmia/ Villa que cresceu/ A vida de Noêmia/ A mãe de Villa-Lobos/ Dorme filhinho/

Do meu coração”.

“A Mãe de Kurt Weill”: Como em outras faixas, nota-se aqui que Careqa traz à luz traços marcantes do estilo do compositor citado. A mãe deste alemão (o Weill, não o Careqa) pode sentir-se brindada por alguém que, sim, conhece o seu filho! O arranjo tem formação inusitada: tuba, bandolim e batera.

“A Mãe de Stravinski”: Careqa canta para Anna, mãe do compositor russo. Apoiado por piano, cello, fagote e oboé, Careqa tem a sabedoria de estabelecer contato imediato com o enredamento da música de Igor Stravinski.

“A Mãe de Beethoven” fecha a tampa de um álbum criado para demolir convenções, vocação primeira de Carlos Careqa – o artista que ousa profanar o usual. Ouça o álbum em www.tratore ffm.to/maetodo

*Vocalista do MPB4 e escritor

ENTREVISTA / CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA, PROFESSOR

‘Observo com bons olhos o cenário acadêmico brasileiro’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Professor universitário, o doutor em Letras Cristiano Mello de Oliveira trata a pesquisa científica como arte num canal do YouTube chamado “Humanitas”. Por lá, passam medalhões da prosa, da ensaística e do pensamento acadêmico, compartilhando saberes em conversas cheias de bossa – e de reflexão. Cada papo pode ser encontrado no site oficial desse educador nascido em Nova Iguaçu. Na URL <https://profcristianomello.com.br/>, ele oferece cursos diversos e levanta debates sobre assuntos como Letramento Literário, expandindo a força da leitura. Autor da tese “O Novo Romance Histórico em Travessias: A República dos Bugres e Conspiração Barroca, de Ruy Reis Tapioca”, Cristiano tem um encontro marcado esta noite, às 19h, em seu empório filosófico digital, com o romancista, professor da UFRJ e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) Godofredo de Oliveira Neto. Os dois vão travar um papo animado sobre as dinâmicas da escrita romanesca e o terreno da História na criação artística.

Na entrevista a seguir, Cristiano explica de que forma a prática da entrevista online pode abrir novos espaços de análise para os estudos universitários do país.

O que a vitrine aberta pelo Instagram e pelos canais de YouTube aporta para a divulgação científica? De que maneira a ferramenta entrevista, nessas mídias, ajuda a promover ideias em construção de teses e dissertações?

Cristiano Mello de Oliveira: A divulgação científica é uma área de interesse minha. Sempre tive muitos livros sobre o assunto de Metodologia Científica na minha biblioteca particular. Noto uma lacuna grandiosa sobre o assunto na Internet. O pouco que fazem é puro amadorismo. Em 2022, tive a ideia de compartilhar os conhecimentos adquiridos acerca da produção do conhecimento científico. Naquela época, durante o fim da pandemia, a melhor válvula de escape foi a internet. Observo que tanto o Instagram quanto o YouTube são ferramentas importantes para divulgarmos conhecimento investigativo sobre as Ciências Humanas. Em linhas gerais, a idealização do Canal Humanitas nasceu por meio de duas inquietações, a saber: compartilhar a rotina metodológica e científica acerca dos estudos realizados na área de Humanidades (Letras, História, Geografia, Filosofia, Artes, Sociologia etc.); entrevistar diversos



Divulgação

Cristiano Mello de Oliveira, professor da UFRJ

pesquisadores e autores sobre a produção científica ou literária realizada. Existem pautas diferenciadas no canal, que conta com mais de 200 vídeos produzidos de forma independente. Já são mais de 20 lives/entrevistas realizadas. Durante as entrevistas, muitas ideias acerca da produção científica são interrogadas, como: métodos de pesquisa, interesses pessoais de cada pesquisador, leituras teóricas realizadas. Cabe lembrar que os vídeos curtos são realizados para chamar outros públicos e despertar o interesse geral. Cabe lembrar que o Canal conta com uma campanha de financiamento coletivo do Apoia-se: <https://apoia.se/pesquisahumanas>.

O que um professor com histórico vas-

to de autor de prosa como Godofredo de Oliveira Neto, seu mais recente convidado, traz de mais original para a cena acadêmica do país?

Conheci o professor Godofredo de Oliveira Neto na Academia Carioca de Letras. Isso foi por volta de junho de 2019. Por lá, trocamos algumas ideias acerca da futura supervisão de um projeto de pós-doutorado. Ele foi bastante atencioso e prestativo, pois tínhamos interesses em comum: o tratamento teórico do Novo Romance Histórico no Brasil. Na atual cena, noto que Godofredo possui forte preocupação de mesclar elementos reais e históricos na sua produção romanesca. Ao ler alguns dos seus romances (boa parte autografado), noto referências ao universo

real: nomes de cidades, ruas, avenidas, Instituições, artefatos tecnológicos atuais, dentre outros. A título de exemplo, os romances “O Bruxo do Contestado” e “Amores Exilados” tratam de temas sensíveis, sociais e reais. Falam da Guerra do Contestado e da ditadura militar brasileira, movimentos históricos que deixaram um grande rastro de sangue e destruição. A crítica acadêmica insiste que a obra de Godofredo possui uma comunicação rápida, dinâmica e cinematográfica. Eu também noto muito isso! Creio que isso corrobora para pensarmos a rapidez das ações nas grandes cidades que são representadas nos romances dele: Rio de Janeiro, Salvador, Florianópolis, Veneza.

O que é a proposta de letramento literário que você traz para o debate em seu site oficial?

O conceito de Letramento Literário é desenvolvido pelo autor Rildo Cosson. Ele é um especialista sobre o assunto. Vários pesquisadores brasileiros se debruçam sobre as formulações de Cosson. Meu curso sobre o tema é 100% online. São mais de 55 aulas gravadas, divididas em nove módulos. O curso intitulado “Seja Competente No Letramento Literário!” foi pensado para que o estudante possa aprender a ler os diferentes gêneros da literatura de forma satisfatória, interessada e competente. No decorrer dessa viagem, o aluno terá conhecimentos primordiais acerca das diferentes técnicas e estratégias de leitura existentes. Durante as aulas, com duração de 10 a 15 minutos, trago a minha bagagem como leitor contumaz há cerca de 30 anos.

Como você avalia a atual cena da pesquisa literária no país no ambiente acadêmico?

Observo com bons olhos o cenário acadêmico brasileiro. Boas produções acadêmicas são produzidas na Unicamp, USP, UFRJ, UFF e as universidades de Santa Catarina e do Paraná, dentre outras. Algumas delas possuem departamentos e linhas de pesquisa condizentes e atuais. O maior empecilho é a inserção dos pesquisadores nos grandes centros culturais e no próprio magistério, um desafio que deve ser uma constante a ser superada pelos órgãos oficiais de fomento à pesquisa. A minha atual pesquisa é sobre a recepção do público leitor acerca dos romances históricos publicados nas duas últimas décadas. Pretendo traçar um diagnóstico conceitual sobre as motivações pessoais acerca do gosto dos leitores contumazes desse gênero.

CRÍTICA / RESTAURANTE / L'ULIVO COCINA E VINI

Celebração na Cidade Nova

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Muitas vezes, temos as mudanças, sejam elas quais forem. Restaurantes dos quais gostamos, então... Mas quando se consegue algo que podemos dizer que juntou a fome com a vontade de comer, é uma delícia. É exatamente o que acontece com o L'ulivo Cucina e Vini. O italiano, com ótima cozinha e atendimento impecável, abriu na Cidade Nova, perto do metrô Praça Onze, em um bellissimo casarão de 1910, tombado pelo Patrimônio Histórico, de segunda a sexta, para almoço.

Além de a rua ser uma viagem aos séculos passados, as instalações ampliadas, com espaço para eventos (com um lustre deslumbrante), as grandes qualidades do L'Ulivo estão todas lá. A comida feita com todo o cuidado, a relação custo/benefício, um local para um bom almoço de trabalho



Divulgação

L'Ulivo e Cocina: excelente opção para almoços no Centro

e também juntar os amigos em um data especial. Bruno, o proprietário corajoso e alto-astrol, nos recebe, juntamente com a querida Isabelle Lindote, uma craque em gastronomia e na assessoria.

Resolvemos começar pelo carpaccio, macio, de filé, na temperatura correta (nada de gelado), o parmesão ralado grosso e a rúcula fresca. O pão da casa estava com aquela casca crocante e o miolo macio e passamos no prato e nadica sobrou. Somos daquelas que adoramos a mistura doce/salgado e dividimos uma inventiva e saborosa Bruschetta Modena – parma, mascarpone, figo e redução de balsâmico.

Para o resto do expediente ser felicíssimo, pedimos cannoli sicilianis, crocantes com o recheio de ricota cremoso. Um vero espresso e a visão do conjunto arquitetônico nos fizeram dizer em alto em bom som: Bravo! Bravíssimo!

SERVIÇO

L'ULIVO COCINA E VINI

Rua Correia Vasques 46 - Cidade Nova | e segunda a sexta (11h às 15h30)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Cachaça na linguiça

O segredo da charcutaria artesanal da Casa das Meninas de Paraty envolve também a cachaça de produção local. Nesta sexta (13), em comemoração ao Dia da Cachaça, a chef Anna Barreto serve a Linguiça Real de Tropeiro (geleia de cachaça e limão), a Linguiça de Arraia na cachaça e a Bottarga Caiçara além da dose da Paratiana Ouro, (carvalho 42% de álcool). “Nossa Bottarga Caiçara é feita na cachaça da terra e produzimos ainda a conserva de Bottarga no azeite com limão curado, esse último com safra de oito anos”, diz a chef. @casadasméninascharcutaria.

Um jantar literário

O chef Pedro Freitas, do Farrapos, bistrô português no Bairro Peixoto, se inspira nos grandes autores portugueses para um menu especial, de quatro etapas, servido no jantar até domingo (14). O percurso com os pratos característicos da terrinha levam nomes como Sopa Fernando Pessoa (creme de legumes com salada de espinafre e amêndoas); Bacalhau à Eça de Queiroz, (gratinado com natas e cebolas caramelizadas); Carne à Saramago (caril de porco com arroz de amendoim e coentro) e o Toucinho do Céu Florbela Espanca.

Divulgação



Divulgação



A quatro mãos

O chef João Diamante, do restaurante Dois de Fevereiro, já se sente em casa cruzando originalidade e tradição, no coração da Pequena África. E recebe nesta sexta-feira 13, a partir das 16h, o colega Renato Martins, do restaurante Ilhote Sul – há três décadas referência de frutos do mar em Macaé. Os chefs vão cozinhar, a quatro mãos, o Arroz do Mar (arroz cozido no caldo de frutos do mar, acompanhado de polvo, peixe, camarão e lula) em homenagem a Yemanjá, a orixá padroeira dos pescadores, para trazer só boa sorte aos comensais.